



Sintaxe e semântica comparativas: abordagens atuais nos eixos sincrônico e diacrônico

Comparative Syntax and Semantics: current approaches in the synchronic and diachronic axes

Aroldo Leal de Andrade

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil
aroldoleal@letras.ufmg.br
<http://orcid.org/0000-0002-1354-7916>

Ana Paula Quadros Gomes

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil
anaquadrosomes@letras.ufrj.br
<http://orcid.org/0000-0002-3476-0193>

Carlos Felipe da Conceição Pinto

Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Bahia / Brasil
cfpinto@ufba.br
<http://orcid.org/0000-0002-4322-0199>

Resumo: O objetivo do presente texto é o de oferecer um panorama das direções atuais de pesquisa em sintaxe e semântica comparativas, considerando um breve histórico das duas áreas e as suas tendências internacionais atuais. Uma vez que a Linguística Contrastiva ainda apresenta desenvolvimento relativamente incipiente nos espaços lusófonos, as principais correntes de pesquisa em sintaxe e semântica diacrônica são apresentadas nas vertentes formalista, funcionalista e variacionista, assim como os grupos de pesquisa que os representam, sobretudo no Brasil e em Portugal. Finalmente, descrevem-se as contribuições dos artigos que compõem o dossiê que acompanha o presente texto, assim como uma reflexão sobre os rumos que eles apontam para estudos futuros.

Palavras-chave: sintaxe; semântica; comparação; mudança linguística.

Abstract: The aim of this text is to offer an overview of current research directions in comparative syntax and semantics, considering a brief history of the two areas and their current international trends. As Contrastive Linguistics still presents relatively incipient development in Portuguese-speaking areas, the main paths of research in diachronic syntax and semantics are presented in the formalist, functionalist and variationist strands, as well as the research groups that represent them, especially in Brazil and Portugal. Finally, the contributions of the articles that make up the special issue that accompanies this text are described, as well as a reflection on the directions that they point for future studies.

Keywords: syntax; semantics; comparison; linguistic change.

1 Introdução

O objetivo do presente texto é refletir sobre os rumos atuais da sintaxe e da semântica em perspectiva comparada e diacrônica. O evento que ensejou a presente publicação, o *V Congresso Internacional de Linguística Histórica* (V CILH: Constelações Diacrônicas), realizado online em julho de 2021, homenageou duas figuras que contribuíram para o desenvolvimento de estudos nessas áreas, e em especial da sintaxe diacrônica: Charlotte Galves e Mary Kato. Por essa razão, os organizadores do evento consideraram que seria bastante adequada a proposição de uma publicação especializada nessas áreas. Note-se, no entanto, que o presente volume esteve aberto a manuscritos que abordassem um desses temas, mesmo que indiretamente, e a trabalhos que não foram apresentados no referido evento.

O texto se organiza da seguinte forma: na seção 2, discorreremos sobre os desenvolvimentos atuais das áreas de sintaxe e semântica diacrônica e comparativas, dando especial relevância às novas vertentes teóricas. A seção 3 representa uma continuidade dessa discussão, ao apresentar os desenvolvimentos dessas áreas em países lusófonos, com especial relevância para Brasil e Portugal. A seção 4, por outro lado, apresenta de forma resumida os temas desenvolvidos nas contribuições que constam do dossiê que acompanha o presente texto, na *Revista de Estudos da Linguagem*. Na seção 5, tecem-se as considerações finais, reunindo as questões que se abrem a partir das reflexões feitas no presente volume.

2 Desenvolvimentos atuais em sintaxe e semântica comparativas

Nas áreas de sintaxe e semântica, nota-se uma progressiva aproximação temática dos campos formalista e funcionalista, ao mesmo tempo em que as duas perspectivas buscam firmar diferenças no campo epistemológico, tendo como fruto uma progressiva reflexão sobre o papel da mudança gramatical. Como se sabe, uma diferença crucial entre as duas visões é a possibilidade de interrelação entre os dois níveis de análise (semântico e sintático), bem aceita no funcionalismo, mas não no formalismo. Crucialmente, abordagens funcionalistas valorizam a dimensão diacrônica como peça-chave para a compreensão da gramática sincrônica, o que não é necessariamente verdade na visão formal. Talvez exatamente por isso os estudos da mudança, tanto sintática quanto semântica, tenham sido pautados desde sempre no funcionalismo – geralmente em correlação com mudanças em outras áreas do sistema linguístico –, enquanto no formalismo eles se iniciaram nos anos 1970 (sintaxe) e 2000 (semântica) – cf. Lightfoot (1979) e Eckardt (2006).

No entanto, novos desenvolvimentos da chamada biolinguística trouxeram uma discussão sobre a mudança linguística no campo formal, propiciada via compreensão da aquisição da linguagem.

2.1 Sintaxe

Na linguística formal há atualmente duas grandes propostas explicativas para a mudança sintática, que se diferenciam em torno do tratamento dado à interrelação entre mudança e tipologia linguística: de maneira previamente estruturada (Hierarquias de Parâmetros – vide ROBERTS, 2019) ou por meio de predições baseadas nos dados (Gatilhos nos dados de Aquisição – vide LIGHTFOOT, 2020). A abordagem de Roberts (2019) é na verdade uma revisão da Teoria de Princípios e Parâmetros em sua versão original (CHOMSKY, 1981), de tal forma a fazer face à granularidade da variação e aos pressupostos minimalistas que requerem a redução do aparato inato postulado em torno da Faculdade da Linguagem. Dela deriva uma série de postulados sobre caminhos para a mudança linguística – especialmente a sintática –, que levam a sério princípios de marcação (no sentido de *markedness*) e dialogam com reflexões minimalistas ligadas ao chamado Terceiro Fator na Aquisição da Linguagem (CHOMSKY, 2005, entre outros): a Economia de Traços, a Generalização do Input e o Princípio de Subconjunto. Assim, os percursos

de mudança sintática no nível macro dialogam com aqueles no nível micro – inclusive a gramaticalização –, indicando uma relação possível entre dados externos e tendências de mudança internas.

Por outro lado, a abordagem de Lightfoot (2020) considera a importância crucial dos gatilhos (*triggers*) presentes nos dados de aquisição para a mudança paramétrica. Os gatilhos, trechos de sentenças que expressam um determinado parâmetro, que também são denominados de pistas robustas, isto é, que não são ambíguas, geram assim possíveis casos de reanálise. Conforme Kroch (2021, p. 27-28), sua proposição pressupõe que a mudança gramatical depende da existência de consistentes desvios no uso durante longos períodos. Sem dúvida, nesta concepção, a relevância do componente externo à linguagem é muito maior: há uma sensibilidade à frequência dos dados, a qual pode ser desencadeada por interferências das interfaces (como a prosódia e a pragmática) e/ou por interferências advindas do contato linguístico. A grande vantagem desse modelo é sua maior plasticidade face aos dados de diferentes línguas, não apresentando expectativas prévias de mudanças que podem ou não ocorrer. Por outro lado, ele descarta a possibilidade de mudanças gramaticais motivadas internamente à gramática.

Um exemplo claro para distinguir as duas visões pode se orientar, como é frequente na literatura, em torno da discussão sobre o parâmetro do sujeito nulo. Na visão de Roberts (2019), esse parâmetro envolve na verdade uma série de marcações paramétricas relacionadas hierarquicamente em torno da expressão dos traços *phi* (marcas de gênero, número e pessoa), partindo do macroparâmetro, que separa línguas em que os traços *phi* não têm qualquer papel no sistema (como o japonês e outras línguas chamadas de sujeito nulo radical) daquelas em que esses traços têm um papel; passando pelo mesoparâmetro, que distingue línguas em que os traços *phi* estão especificados em todos os núcleos funcionais (como o basco e outras línguas de argumento pronominal) das que apresentam essa especificação em um subconjunto desses núcleos; e chegando ao microparâmetro, que especifica a presença de traços *phi* nos núcleos Tempo e Definitude (como o italiano e outras línguas de sujeito nulo consistente), distinguindo-as das que apresentam essa informação só na categoria Tempo (como o finlandês e outras línguas de sujeito nulo parcial), das que apresentam só na categoria Definitude (como o inglês e outras línguas de sujeito não nulo). Os chamados nanoparâmetros podem atuar junto a itens lexicais específicos, quebrando o comportamento

sintático uniforme esperado, como se observa em gramáticas com clíticos-sujeito – que podem ser vistas como um subcaso de línguas de sujeito nulo consistente, em que opera um requisito extra, de realização separada do núcleo Tempo na forma de um clítico-sujeito. Um exemplo é encontrado no dialeto vêneto de Cornuda (ROBERTS, 2019, p. 288), em que a realização do clítico-sujeito somente é obrigatória nos casos em que há um auxiliar:

- | | | | |
|--------|-------------------|-----------|---------|
| (1) a. | Nisun | l'è | rivà. |
| | ninguém | clS.3sg=é | chegado |
| | 'Ninguém chegou.' | | |
| b. | Nisun | | riva. |
| | ninguém | | chega |
| | 'Ninguém chega.' | | |

Já uma proposta como a de Lightfoot não prevê a existência de tipos definidos de línguas de sujeito nulo. Assim, a existência de línguas de sujeito nulo parcial geneticamente tão distantes como o português brasileiro, o finlandês e o hebraico é só o reflexo de mudanças independentes, o que prevê que haja diferenças importantes no sistema gramatical de cada uma delas que dificilmente poderão ser reduzidas a efeitos diretos de parâmetros.

No campo funcionalista, as explicações para a mudança (sintática) tendem a considerar tanto motivações internas quanto externas. As motivações internas não raro são guiadas por requisitos de eficiência comunicativa (e não por princípios de aprendibilidade). Assim, desde Martinet (1962), considera-se que as tendências de simplicidade e clareza podem atuar por meio de mecanismos compensatórios, de forma a manter a eficiência comunicativa quando uma mudança afeta uma área do sistema. De acordo com Mithun (2003), além desse desiderato geral de “equilíbrio de forças” – colocado em prática de diferentes formas, nos diferentes modelos funcionalistas – há que se ter em conta dois outros mecanismos gerais de mudança: a habilidade de rotinização em consequência da alta frequência de uso, o que facilita a reanálise de estruturas gramaticais; e a extensão de padrões de uso para novas funções comunicativas, com reflexos em novas áreas da gramática. Nos modelos de gramaticalização, esses dois últimos tipos de mudança têm sido apresentados em correlação, como etapas de um mesmo processo

mais amplo. Exemplos desses fenômenos no português brasileiro são encontrados abaixo:

- (2) a. Você/A gente não quer só comida.
b. Não se quer só comida.
- (3) a. Eu achei uma moeda na calçada.
b. Vai chover, acho.

O exemplo em (2) corresponde a uma situação típica de “equilíbrio de forças”, relacionada à expressão do sujeito – no caso, indeterminado – como consequência do enfraquecimento do paradigma de concordância no verbo (NEVES, 2000). Já em (3), tem-se um caso de gramaticalização de um verbo lexical como uma marca de evidencialidade, que se acompanha de maior frequência e de mobilidade posicional do elemento em causa (*acho*) (cf. CASSEB-GALVÃO, 1999).

Há ainda abordagens que, cada vez mais, indicam uma via que reforça metodologias próprias de compreensão da mudança sintática e/ou semântica, como aquelas apresentadas pela linguística variacionista e pela linguística contrastiva. A linguística variacionista apresenta uma metodologia sobre como relacionar variação e mudança. Dessa forma, apesar de historicamente se apresentar alinhada à perspectiva funcionalista, pode ser aplicada a diferentes teorias, desde que estas tenham sensibilidade às informações advindas da variação (DUARTE, 2016). Assim, alguns estudiosos têm desenvolvido estudos em sociolinguística paramétrica (aliando a metodologia variacionista à teoria gerativa, cf. TARALLO, 1985), sobretudo para estudos de mudança em tempo aparente, enquanto outros têm utilizado o conceito de competição de gramáticas (cf. KROCH, 1989) para trabalhar com estudos variacionistas em tempo real. Os estudos variacionistas podem apresentar novos detalhamentos sobre como a mudança pode se processar, a partir de uma visão empiricista e rigorosa.

No campo comparativo, cada uma das perspectivas teóricas – formalista e funcionalista – apresenta uma metodologia própria de avaliação do grau de distância entre línguas do ponto de vista tipológico, e propostas para explicar tais diferenças, como vimos em parte. No entanto, a linguística contrastiva tem oferecido novas ferramentas para comparação entre línguas, o que tem sido feito sobretudo no plano sincrônico. Como observa Ke (2019), essa área tem uma aplicação importante, ao se constituir como um campo de testes para o alcance de

diferentes teorias. No entanto, o mesmo pode ocorrer no plano diacrônico, ao se observarem sistematicidades em como os sistemas mudam com o tempo (HARBERT, 2012). Nesse intuito, a linguística contrastiva pode também fazer uso de corpora, sobretudo os anotados. Em consequência de esforços como esses, talvez seja possível, no futuro, elaborar uma lista (mesmo que não exaustiva) de mudanças sintáticas, assim como aquela que já está disponível para mudanças no plano lexical, envolvendo a gramaticalização (cf. HEINE; KUTEVA, 2002).

2.2 Semântica

O campo linguístico da semântica tem seu início situado no século XIX. A linguística histórica com ênfase na semântica se desenvolveu no século XX, em especial a partir de 1980, sobretudo com o clamor de cognitivistas de que a investigação diacrônica poderia afinar a nossa compreensão sobre processos semânticos fundamentais. É tudo bastante recente. Não obstante, há distintas respostas à pergunta sobre quais explicações dão conta da mudança de significação ao longo do tempo.

A linguística cognitiva, uma abordagem em que a semântica é central, reavivou o interesse pelos mecanismos e processos de mudança linguística. Os modelos de análise semântica baseados em protótipos promoveram a investigação de expressões individuais, muitas vezes sem considerar sentenças completas ou sua inserção em contextos gramaticais. O conhecimento sobre os mecanismos ligados a metáforas e metonímias lançou luz sobre a ligação entre sentidos e estruturas. Surgiram concepções pragmáticas e contextualizadas de léxico (GEERAERTS, 2019). Entre as propostas mais difundidas para explicar as regularidades da mudança semântica estão a gramaticalização, a subjetificação e a metaforização (TRAUGOTT; DASHER, 2001; LAKOFF, 2008).

Um hibridismo entre a abordagem funcionalista e a cognitiva gerou a abordagem construcional da gramática, que lança mão das ideias de Traugott (2008), Bybee (2010), Givón (1979, 1995), Croft (2001), Goldberg (1995, 2006) e Fillmore e Kiparsky (1968). O interesse da pesquisa funcionalista clássica pela gramaticalização incorpora a dimensão contextual, concebendo a estrutura linguística como derivada de processos cognitivos gerais. Já a visão construcional da gramática passa a ver a mudança gramatical como a teoria das relações entre pares de forma-sentido e tem como certa sua provável direcionalidade ao longo do

tempo, assumindo-se como uma teoria do uso (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016). Um expoente dessa linha é Martelotta (2011).

A grande maioria dos estudos relacionando a evolução linguística à aquisição se concentra no estudo do léxico. Uma hipótese aventada é a de que os itens lexicais de aquisição mais tardia e mais difíceis de processar estejam mais sujeitos a mudanças.

Uma análise semântica lógica ou formal, à maneira de Montague (1974), era ainda vista como não estando equipada para estudar a mudança, como chegou a ser dito por várias estrelas da semântica cognitiva, tais como Geeraerts (1997) e Langacker (1990). Investigar a mudança ou reanálise semântica no paradigma da veridicondicionalidade é um empreendimento recente, mas nem por isso sem frutos. Nessa vertente, as palavras, os sintagmas e os morfemas que passam por mudança semântica ocupam diferentes posições sintáticas antes e depois de sua reanálise. A reanálise é moldada pela interface sintaxe-semântica, e respeita universais linguísticos. Nesse campo, as ferramentas da semântica formal são vistas como muito eficazes, pois a estrutura sintática conversa com a composicionalidade semântica, e a semântica de linha formal tem o poder de capturar o significado de qualquer expressão linguística, seja ela de que categoria lexical for (ECKARDT, 2006).

Enfim, a semântica diacrônica é um campo bem novo, mas bastante promissor em muitas frentes, pois fundamentos semânticos intrínsecos à linguagem tendem a vir à tona nas investigações da área.

3 Desenvolvimentos das áreas nos países lusófonos

No cenário lusófono, como em outros lugares do mundo, seguindo a tradição de estudos no Ocidente, pouca relevância tem sido dada às áreas de sintaxe e de semântica diacrônicas e/ou comparadas. Os estudos em Linguística Contrastiva, incluindo os que deram continuidade à Linguística Histórico-Comparativa, no entanto, estiveram bem menos representados no Brasil, assim como em outros países lusófonos. A exceção diz respeito aos estudos sobre a genética de línguas indígenas e aos estudos sobre Linguística Aplicada ao ensino de línguas estrangeiras. Evidentemente, há algumas exceções de trabalhos tipológicos de cunho funcionalista ou gerativista – mais recentemente, incluem-se preocupações sobre a Libras, face a outras línguas de sinais.

Os trabalhos em perspectiva diacrônica em Portugal têm se dedicado principalmente aos planos da fonologia, da morfologia, da sintaxe e da semântica lexical. Graça Maria Rio-Torto (2008) é um dos expoentes dos estudos de mudança lexical e morfológica. Os processos de gramaticalização têm vindo a ser observados e estudados em Portugal sobretudo no âmbito da Pragmática, com destaque para os estudos de Ana Cristina Macário Lopes, dedicados a vários operadores discursivos, mas também há estudos no âmbito da Linguística Cognitiva.

No nível de análise semântico, muitos dos estudos precursores da diacronia em língua portuguesa estão ligados à variação dialetal e à sociolinguística, incluindo a diferenciação entre o português europeu e o português brasileiro, e em relação ao português de países africanos, como o português angolano, o moçambicano etc. Um exemplo bem conhecido é o estudo da troca do verbo *haver*, que, no século XIII, era tanto um verbo existencial quanto um verbo de posse, pelo verbo *ter*, de posse, mudança iniciada ainda no período do português antigo. Em PB, essa mudança foi ainda mais longe que em PE, pois o verbo *ter* substituiu *haver* também no sentido existencial. Outra área de mudança na história linguística relacionada à semântica já bastante estudada no mundo lusófono é a da negação, incluindo palavras negativas e itens de polaridade (MARTINS, 2016). Em Portugal, estudos como os de Ana Maria Martins, na interface sintaxe-semântica, que traçam o percurso de itens lexicais do latim até o português contemporâneo, têm feito escola nos últimos anos.

Em Portugal há importantes grupos de pesquisa em sintaxe diacrônica, sobretudo em Lisboa, em que também há abordagens na interface sintaxe-semântica, o que reflete a maior influência dos estudos gerativistas naquela cidade, tanto na Universidade de Lisboa (UL) quanto na Universidade Nova de Lisboa (UNL). No entanto, em Coimbra também há estudos sobre semântica diacrônica. Os estudos ainda dão maior relevo ao português antigo, incluindo o período pré-literário.

Na Galícia, os estudos diacrônicos têm se desenvolvido sobretudo em conjunto com os estudos em filologia e dialetologia, na Universidade de Santiago de Compostela (USC), o que indica um grande campo aberto para a sintaxe e a semântica diacrônicas, que começam a ser feitas com o aparato da linguística contrastiva, com o português europeu e o asturiano.

No Brasil, podem ser considerados precursores dos estudos gramaticais comparativos Mattoso Câmara Jr., considerado o introdutor

da ciência linguística no Brasil, e Rosa Virgínia Mattos e Silva, fundadora do Programa para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR), projeto que produziu muitos trabalhos em diacronia de natureza fônica, morfossintática e sintática. Os estudos em sintaxe diacrônica começaram a se desenvolver claramente nos anos 1990, ao mesmo tempo em várias perspectivas concomitantes: na visão formal, graças à colaboração inicialmente formulada entre Ian Roberts e Mary Kato (cf. ROBERTS; KATO, 1993); na visão funcionalista, com a tese de BITTENCOURT (1995), seguida dos trabalhos sobre gramaticalização envolvendo vários grupos de pesquisa (GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007); e, na visão variacionista, em que logo de início se percebeu a relevância de não se limitar a trabalhar com a mudança em tempo aparente (cf. TARALLO, 1991). Os estudos dedicados ao fenômeno de gramaticalização desenvolvidos no Brasil adotavam ou a perspectiva da Gramática (Cognitivo-) Funcional ou a da Linguística Cognitiva (FERRARI, 1998), abordando verbos, preposições e, sobretudo, construções com funções discursivas.

Na semântica comparativa e diacrônica, os funcionalistas integram os achados diacrônicos à compreensão da semântica sincrônica, alimentando a formulação de modelos. Já a semântica formal aportou no Brasil por meio de nomes como Rodolfo Ilari, após cerca de duas décadas de sua aparição nos EUA. Ele foi o organizador, junto com Maria Helena Moura Neves, do vol. 2 da coleção *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*, um trabalho sucedâneo do Projeto NURC, dedicado às classes de palavras e processos de construção (ILARI; NEVES, 2008), e, mais recentemente, de um volume específico da coleção *Para a História do Português Brasileiro*, dedicado à semântica diacrônica (cf. ILARI; BASSO, 2021), o que reflete a mais recente identificação dessa área como um campo autônomo. Essa linha tem se desdobrado em vertentes muito profícuas, mas com dedicação primordial a recortes sincrônicos. Poucos trabalhos sobre a diacronia nesta vertente são conhecidos, o que faz desse volume um marco inaugural para os estudos semânticos em diacronia no Brasil.

A linguística histórica nessas duas subáreas apresenta grande capilaridade no País em várias instituições, graças a esforços coletivos de grupos de pesquisa de relevância nacional e do apoio financeiro das agências de fomento a projetos de longa duração, que possibilitaram a criação de corpora históricos e o desenvolvimento de recursos

humanos especializados. As pesquisas, que num primeiro momento combinavam dois extremos – a descrição sincrônica do português brasileiro e a do português antigo – mais recentemente têm incluído as etapas intermediárias da mudança – o português clássico em Portugal e o português colonial no Brasil.

Nos países africanos – especialmente Angola e Moçambique, em que há centros universitários consolidados, bem como há em Macau –, os estudos diacrônicos têm se centrado sobre questões relativas ao contato linguístico, a fim de compreender seja a formação de novas variedades de português, seja de línguas crioulas. Muitas vezes, tais estudos têm tido apoio de pesquisadores no Brasil e em Portugal. O trabalho de Gonçalves (2010) é um bom exemplo de descrição de uma nova variedade (português moçambicano) ancorada numa visão de mudança linguística.

As várias edições do *Congresso Internacional em Linguística Histórica* (que vêm se sucedendo desde 2009) contribuíram para o desenvolvimento dessas áreas nos países lusófonos, pois esse é um evento tradicionalmente de fala galego-portuguesa, tendo já sido sediado no Brasil, em Portugal e na Galícia. O V CILH: Constelações Diacrônicas, que esteve organizado em workshops, sessões livres e sessões de pôsteres, contou com três workshops dedicados às áreas de sintaxe e semântica diacrônica ou comparativa, e mais de trinta trabalhos dedicados às áreas de sintaxe e semântica apresentados como comunicações em sessões livres e em pôsteres. Os workshops, propostos como espaços de debate aprofundado sobre temas específicos, tiveram maior participação de pesquisadores originários do exterior do país. Os três workshops foram “Comparative Syntax in the 21st century”, organizado por Sonia Cyrino (Universidade Estadual de Campinas); “Universals and Variation in Semantics and Pragmatics”, organizado por Ana Paula Quadros Gomes (UFRJ) e por Luciana Sanchez Mendes (UFF) e “Modelos para o estudo da mudança sintática: em que consistem, como são aplicados e quais as suas vantagens”, organizado por Maria Eugénia Duarte e Sílvia Cavalcante (UFRJ). Nas sessões livres e de pôsteres, notou-se a grande variedade tanto de abordagens teóricas (formalistas e funcionalistas) quanto de métodos de pesquisa (trabalhos baseados em corpora ou em experimentos), ficando estes concentrados na área de Linguística Teórica. Não obstante, em outras áreas do evento houve também trabalhos que abordavam a sintaxe e semântica comparadas, já que o congresso tem abertura para qualquer estudo relacionado à chamada linguística

histórica *lato sensu* (MATTOS E SILVA, 1999, 2016), isto é, aquela que inclui trabalhos com descrições sincrônicas datadas e localizadas (historicamente contextualizadas).

4 As contribuições do presente dossiê

As contribuições do presente dossiê podem ser divididas em temas relacionados às áreas da estrutura da gramática com as quais mais se relacionam: formas pronominais; sintagmas nominais; a sintaxe dos argumentos verbais; flexão e traços lexicais. As abordagens sobre os três primeiros temas se concentram na sintaxe, enquanto a semântica está mais bem representada nos dois últimos temas.

4.1 Formas pronominais

Os artigos que tratam de formas pronominais apresentaram como principal ponto de interesse a variação entre formas foneticamente nulas e expressas. O artigo assinado por Adriana Simões, “Uma proposta de análise para o objeto acusativo anafórico na variedade de espanhol de Madri e no português brasileiro de São Paulo”, descreve a variação entre o uso de clíticos ou de objetos nulos no espanhol de Madri, ou entre pronomes fracos e objetos nulos no português falado em São Paulo, a partir de uma abordagem da Sociolinguística Paramétrica, considerando, para tanto, variáveis semânticas e sintáticas.

A contribuição de Fernanda Cerqueira (“O pronome pleno de terceira pessoa no ‘português’ oitocentista”) apresenta um estudo baseado em corpus de atas de afrodescendentes brasileiros sobre as variadas manifestações do pronome ‘ele’ e suas variantes, a partir de uma perspectiva de análise formal. Os resultados demonstraram que a reanálise do pronome de terceira pessoa de tal forma a ocupar novas funções gramaticais, típicas de um pronome fraco, ainda estava em estágio insipiente. O trabalho ilustra a importância de comparações com outros corpora, representativos de diferentes gêneros textuais, de forma a confirmar como se deu a reanálise relacionada ao estatuto desse pronome.

O artigo de Maria Aparecida Torres Morais e Heloisa Salles (“Resistência do dativo de primeira pessoa na batalha (quase) perdida dos clíticos pronominais do português brasileiro”) investiga a cisão pronominal na expressão dos dativos no português brasileiro (PB), a qual consiste na presença dos clíticos de 1ª e 2ª pessoas *me* e *te*, em oposição

aos pronominais tônicos *ele(s)*, *ela(s)*, introduzidos por *a* e *para*, em decorrência da perda dos clíticos dativos *lhe(s)*. As autoras propõem que as propriedades sintáticas e semânticas do clítico dativo *me* sejam unificadas como núcleo Aplicativo Alto, nos termos da tipologia proposta em Pylkkänen (2008).

4.2 Sintagmas Nominais

Os artigos que tratam de sintagmas nominais abordam a estrutura interna desse tipo de constituinte a partir de diferentes perspectivas teóricas. O artigo de Nathalia de Souza-Martins e Sebastião Gonçalves, intitulado “Estudo diacrônico do sintagma nominal descontínuo no português brasileiro”, estuda características de SNs descontínuos, comparando estratos de língua escrita e falada, a partir do quadro teórico da Gramática Discursivo-Funcional. Discute, para além dos princípios de peso por complexidade e de peso estrutural, enunciados em trabalho anterior citado, funções retóricas, de mitigação e de preservação do escopo. O texto demonstra que o uso de SNs descontínuos permaneceu em pequena frequência na evolução do português brasileiro, de acordo com o corpus estudado.

A contribuição de Cristina de Souza Prim e Thais Moreira (“Posição de adjetivos nos gêneros *cartas* e *narrativas* em português europeu do século XVII ao XIX”) descreve, a partir de pesquisa baseada em *corpus*, a posição de variados tipos de adjetivos em SNs com diferentes configurações sintáticas na história do português europeu. O artigo demonstra que há preferências que guiam a variação nos dois períodos (anteposição de adjetivos avaliativos e de nomes [+humanos]) e que a mudança teria se dado mais pelo aumento da frequência de adjetivos não avaliativos, nos quais não há variação entre as posições pré- e pós-nominal.

O artigo de Bruno Carneiro, Mônica Borges e Miroslava Aldrete (“Nominal number in sign languages”) descreve a manifestação da categoria Número em dez línguas de sinais a partir de uma perspectiva tipológica, partindo de observações feitas para as línguas orais. O texto observa que as marcas de número podem ser opcionais ou obrigatórias, havendo preferência por estratégias sintáticas (típicas de línguas isolantes). Já as estratégias morfológicas apresentaram uma hierarquia implicacional, pela qual o *mouthings* (produção de sílabas visuais com a

boca, concomitantes a um sinal manual) é mais marcado, sendo, portanto, a estratégia menos recorrente.

Finalmente, o artigo “Um estudo diacrônico sobre a polaridade negativa no sintagma nominal: o caso do indefinido ‘algum’ na formação do IPN [N + algum]”, de Cristiane Namiuti e Fernanda Gusmão Silva, debruça-se sobre a origem da posposição de *algum* com a função de item de polaridade negativa do PB [N + *algum*], analisando dados do português a partir do século XVI. A estrutura [N + *algum*] é examinada em textos portugueses do século XVII, XVIII e XIX, e em textos brasileiros do século XIX, em busca do seu processo de gramaticalização como um Item de Polaridade Negativa (IPN) na história da língua portuguesa. Como mostram as autoras, no português clássico dos séculos XVI e XVII a estrutura com inversão não tinha sempre valor negativo, e outros elementos podiam ocorrer no interior do sintagma nominal, inclusive com a possibilidade da flexão e não-adjacência entre o nome e o indefinido. Para elas, os fatos indicam que então ainda não havia ocorrido a gramaticalização da estrutura como um IPN. No português clássico, a negação era valorada sob o domínio sintático de um operador de negação sentencial, de uma preposição ou de uma conjunção negativa. A análise proposta para o item *algum* dessa época é a de que esse indefinido realiza o núcleo da categoria determinante (D) mesmo nas estruturas com inversão, sendo estas derivadas do movimento da parte lexical do sintagma à posição de especificador do Sintagma Determinante (D). A proposta é condizente com as propriedades de categoria D encontradas no item *algum* do português clássico.

4.3 Argumentos verbais

O grupo de artigos que trabalha com a sintaxe de argumentos verbais examina a variada realização de sujeitos e objetos, tendo o português brasileiro como língua central e sempre trabalhando numa perspectiva de sintaxe formal, às vezes com apoio de dados empíricos extraídos de corpora. No artigo “Locative adverbs in the subject position in Brazilian Portuguese”, Zenaide Dias Teixeira e Humberto Borges examinam sentenças do PB com um locativo (preposicionado ou não) em posição de sujeito, como *Aqui bate sol*, cotejando as análises sintáticas disponíveis na literatura com os dados, desde Pontes (1987). Com base nas propriedades nominais apontadas em Baker (2003), os

autores explicam o fato de advérbios e SNs locativos poderem ocupar a posição de sujeito em PB como uma consequência de possuírem índice referencial. Segundo essa análise, advérbios e SNs locativos apresentam parte das propriedades de SNs plenos, a saber, o traço de pessoa (embora não tenham o de número, o que resulta em concordância verbal *default*, na 3ª. pessoa do singular). A proposta é a de que esses advérbios em posição de sujeito sejam gerados como advérbio de SV ou argumento locativo. Não obstante a análise sintática proposta seja de cunho sincrônico, o fenômeno é situado num quadro de mudança do PB em direção a um maior preenchimento do sujeito.

O artigo “Null subjects and null objects in Brazilian Portuguese: correlations and change”, de Gabriel de Ávila Othero e Melissa Lazzari, desenvolve a proposta de Creus e Menuzzi (2004), de que o gênero semântico (animado feminino, animado masculino, inanimado) determina a distribuição dos objetos diretos realizados por pronomes ou nulos, assumindo uma correlação entre sujeitos nulos e objetos diretos anafóricos na língua. Os autores constatam que o sujeito nulo de 1ª. e 2ª. pessoas do singular está estável, mas apontam que os sujeitos nulos e pronominais de 3ª. pessoa estão em mudança aparente. Após ter sido revisada a literatura sobre o fenômeno, bem como apresentada uma análise de corpus, um processo de mudança em curso foi desenhado: sujeitos nulos de terceira pessoa ainda não se estabilizaram no português brasileiro; ainda assim, a assimetria entre, de um lado, sujeitos de 1ª. e 2ª. pessoa e, de outro, sujeitos de 3ª. pessoa não tem mais sustentação empírica, segundo os achados dos autores.

A contribuição de Maria Eugenia Duarte e Eduardo dos Reis, intitulada “Por uma Sociolinguística Românica ‘Paramétrica’ – relendo Tarallo 1987 e virando a página”, apresenta uma discussão mais ampla sobre o legado de Fernando Tarallo, dentro da qual desenvolvem considerações em torno da realização da posição de sujeito. São apresentados os critérios de variação que condicionam a realização de sujeitos nulos no português europeu, uma língua de sujeito nulo consistente, e no português brasileiro. Com base na variação nas duas gramáticas em fatores semelhantes (com a devida diferença de aplicação da regra), os autores eliminam a possibilidade de classificar o português brasileiro como uma língua de sujeito nulo parcial, e em vez disso defendem que se trata de uma gramática em mudança para uma língua de sujeito não-nulo. Em conclusão, demonstram que a Teoria da Variação

e Mudança auxilia na identificação de parâmetros sintáticos, discussão que já deveria, a seu ver, ser considerada uma “página virada”.

O texto de Nerea Madariaga, “On Partial Null Subject Languages: Why pro-drop in Brazilian Portuguese and Russian became similar but not identical”, assume, diferentemente daquele de Duarte e Reis, que o português brasileiro é uma língua de sujeito nulo parcial, assim como o russo. No entanto, o comportamento dessas duas línguas em relação a uma série de critérios sintáticos relacionados à manifestação do sujeito nulo é diferente. Adotando uma visão de diacronia baseada em Lightfoot (1999), Madariaga mostra que a suposta mudança de uma língua de sujeito nulo consistente a parcial não apresenta um correlato obrigatório com a perda de concordância, como os estudos sobre o português brasileiro fazem pensar. Em suma, a noção de mudança paramétrica se mantém, pois há uma alteração em comum, relacionada à perda do traço-D em T, por sua vez associada a uma série de propriedades, porém acompanhada de pequenas diferenças atribuídas a diferentes condições iniciais do estágio *pro*-drop para o russo e o PB, enquanto línguas de sujeito nulo parciais.

4.4 Semântica: Flexão e traços lexicais

O grupo de artigos que trata de questões semânticas trabalha fortemente com aparatos de orientação formal, mas também com metodologias bem consagradas da semântica lexical e da linguística computacional. Os três primeiros trabalhos dedicam-se a questões ligadas à flexão de tempo, modo e aspecto (incluindo aspecto lexical), ou à noção de gradação; e o último, a uma investigação sobre campos semânticos no léxico. O artigo “A aquisição de Tempo e Aspecto: uma investigação sobre a emergência de estruturas verbais e a influência do aspecto semântico sobre o aspecto gramatical no processo de aquisição da linguagem”, de Arabie Hermont, Kelly Cesário de Oliveira e Lucas Segantini Brito, pesquisa a aquisição de formas verbais relacionadas a tempo e a aspecto a partir da hipótese da Primazia do Aspecto (ANDERSEN; SHIRAI, 1996). Para tanto, em um estudo transversal, foram examinados os registros de produções de crianças monolíngues entre 2 anos de idade e 5 anos e 11 meses de idade. As duas hipóteses estabelecidas foram confirmadas pelos resultados: (i) na gramática infantil, a noção de aspecto surge, de forma mais recorrente, antes da noção de tempo e (ii) quando as formas verbais no presente e no pretérito perfeito surgem, o que está expresso é o aspecto. Delineou-se ainda um

quadro que enseja futuras investigações: (i) o aparecimento mais tardio do pretérito imperfeito, em relação ao presente e ao pretérito perfeito; (ii) o surgimento do pretérito imperfeito junto com as perífrases verbais, expressões analisadas como denotando tempo.

Já Gabriela Martins e Luana Amaral, no artigo “Entre *accomplishments* e atividades: mudanças direcionais e o caso dos verbos de editoração”, põem em xeque a operatividade dos critérios de distinção entre classes acionais vendlerianas, tomando como dados empíricos os verbos do campo semântico de editoração em língua inglesa e em português brasileiro. O conjunto de verbos estudado é especialmente permeável a oscilações entre as características de uma atividade e as características de um *accomplishment*. Adotando o modelo bidimensional de representação do aspecto lexical, numa abordagem cognitivo-funcional, as autoras apontam que verbos como ‘*to edit*’/ *editar* ou *editorar*, ‘*to copyedit*’/ *preparar*, ‘*to proofread*’/ *revisar*, ‘*to typeset*’/ *diagramar* e ‘*to format*’/ *formatar*, por especificarem um tipo de mudança direcional, têm potencial para serem (re)construídos como mudanças direcionais télicas ou atélicas. As autoras concluem que não é a natureza do objeto que distingue telicidade de atelicidade, nos dados examinados, mas é a incrementalidade da ação descrita pelo verbo que é responsável pelo predicado verbal se apresentar como uma atividade ou como um *accomplishment*.

O artigo “A gradação em português brasileiro e a variação translinguística na expressão da comparação”, de Luisandro Mendes de Souza, Roberta Pires de Oliveira, Lara Frutos e Kayron Beviláqua, se insere na vertente, bastante recente, que busca por universais e parâmetros semânticos. Uma vez constatada a coexistência de diversas formas para realizar a comparação, é preciso explicar teoricamente essa variação. Os autores assumem a proposta de três parâmetros para as comparativas nas línguas naturais, na linha de Beck, Oda e Sugisaki (2004) e de Beck et al. (2009). Os três parâmetros propostos são: (i) língua com predicados graduais (DSP – Degree Structure Parameter); (ii) língua com ligação de variáveis na sintaxe (DAP - Degree Abstraction Parameter); e (iii) língua com uma posição sintática de grau preenchida (DegPP – Degree Phrase Parameter). Os autores defendem que o português brasileiro apresenta características híbridas, recebendo marcação positiva nos dois primeiros parâmetros e negativa no terceiro. Embora, como previsto pela marcação negativa no DegPP, essa gramática não permita estruturas

semelhantes a *2 meters tall* (cf. **2 metros alto*), ele permite sintagmas de medida como *2 metros de altura*. Esse fato, bem como outras estruturas de difícil encaixe nas opções teóricas, devem ser mais bem discutidos no futuro, a fim de se verificar o alcance e a adequação empírica de tais parâmetros semânticos.

Por último, no artigo “Mudança semântica e *word embeddings*: estudos de caso na diacronia do português”, Lucas Fonseca Lage e Evandro Paradela Cunha utilizam técnicas computacionais como *word embeddings* para agrupar palavras pelos mesmos traços semânticos. A partir de estudo realizado sobre o Corpus do Português Histórico Tycho Brahe, foram analisadas ocorrências das formas *deus, homem, mulher, pai, mãe e terra* por tais técnicas, que permitem a representação de palavras como vetores em um espaço vetorial. Primeiramente, foi aplicado o algoritmo Skip-gram para gerar *word embeddings*, e, a seguir, foram produzidas visualizações para a rede de relações semânticas de cada palavra em três diferentes recortes temporais. Tais visualizações geram evidências da organização semântica do léxico. Como base teórica, os autores adotam a visão de Givón (2001), para quem o léxico é um repositório de conceitos relativamente estáveis no tempo, compartilhados socialmente e bem codificados, além de ser organizado em forma de rede, onde conceitos similares estão agrupados próximos uns aos outros, juntamente com a proposta de Matoré (1949), de que as palavras estabelecem relações associativas entre si. A viabilidade de tais métodos de análise de mudança semântica orientados pelos elementos em torno dos quais o léxico se organiza foi atestada pela aplicação dos conceitos de campos nocionais e de palavras-testemunho.

5 Considerações finais

Os artigos sobre temas sintáticos trabalham com riqueza de detalhes, seja numa perspectiva qualitativa ou quantitativa, permitindo compreender particularidades, e, em sua maior parte, tratam do português brasileiro. Os trabalhos de Simões, Duarte e Reis e Madariaga são de natureza comparativa, e permitem perceber com maior clareza as especificidades do português brasileiro face ora ao português europeu, ora a um conjunto de línguas românicas de sujeito nulo (espanhol, italiano e português europeu), ora ao russo. Os trabalhos de Cerqueira, Torres Morais e Salles, Souza-Martins e Gonçalves seguem numa linha

primordialmente diacrônica sobre a evolução do português brasileiro, porém, em alguns momentos, instaurando de maneira mais pontual sejam comparações com o português europeu, seja a atribuição de tais mudanças ao contato sobretudo com as línguas africanas. Já os trabalhos de Teixeira e Borges e Othero e Lazzari apresentam uma abordagem unicamente centrada na identificação da gramática do português brasileiro, se bem que a primeira seja de base formal e a segunda, de base semântica e variacional. Diversamente, os trabalhos de Prim e Moreira, de Namiuti e Silva e de Carneiro, Borges e Aldrete focalizam línguas e variedades diferentes do português brasileiro. Nos dois primeiros casos, trata-se da evolução diacrônica do português europeu, enquanto no último trata-se da Libras, comparando-a com outras línguas de sinais no mundo, no que diz respeito à categoria número.

Os trabalhos oferecem uma variedade de teorias e metodologias que, no seu conjunto, expandem nossa compreensão sobre a gramática do português brasileiro, de maneira específica, e sobre os parâmetros de variação intra- e interlinguísticos, além de indicarem os caminhos da mudança linguística. Esse é um ponto que nos leva a refletir sobre as atuais teorias de mudança linguística, aplicadas em vários trabalhos, os quais demonstram a renovada relevância da relação entre variação e mudança para a compreensão de sistema. Entre as questões que se colocam para verificação em estudos futuros temos: (i) os parâmetros de variação interlinguísticos são pré-configurados em termos universais ou dependem da estrutura de traços de cada língua (Madariaga)?; (ii) critérios de variação intralinguísticos refletem naturalmente os critérios extralinguísticos (Duarte e Reis)?; (iii) como diferenciar critérios de variação estáveis dos que apresentam mudança no tempo (Souza-Martins e Gonçalves)?

No nível de análise semântico, o volume conta com três artigos de abordagem sincrônica e um de abordagem diacrônica. Nota-se uma boa diversidade de linhas teóricas, o que faz deste volume uma rica amostra das perspectivas em voga nos estudos semânticos de hoje. A orientação gerativista (interface sintaxe-semântica) está bem marcada no artigo sobre aquisição de tempo e aspecto verbais por falantes nativos, por Hermont, Cesário de Oliveira e Segantini Brito. A orientação funcionalista se distingue no artigo sobre mudança semântica lexical, por Lage e Paradela Cunha. A semântica formal de ponta transparece tanto na abordagem sobre as comparativas do PB (por Mendes de

Souza, Pires de Oliveira, Frutos e Beviláqua) quanto no tratamento das classes acionais de verbos de editoração (por Martins e Amaral). O primeiro desses dois últimos artigos situa o PB em uma proposta de parâmetros semânticos para os modos de se produzir comparativas em línguas naturais, também aborda duas temáticas muito atuais: por um lado, é examinada a proposta de universais e parâmetros linguísticos que prevejam e expliquem a diversidade semântica das línguas naturais; por outro lado, é examinado o fenômeno da semântica de graus, que tem recebido muita atenção não só pela diversidade de construções relacionadas ao tema encontradas em línguas distintas, mas também pela controvérsia sobre a melhor teoria para tratar tal conjunto de fenômenos, se a delineadora (a dos neokleianos) ou se aquela que defende que há graus na ontologia (cf. KENNEDY, 1997). Considerada a insipiência dos estudos semânticos em diacronia no Brasil até há pouco, sendo esse um campo ainda praticamente em formação, contar com contribuições do naipe destas, e dessa complexidade, nos leva a considerar que a chamada para o volume obteve excelente resposta.

Esperamos que esses sejam apenas os primeiros passos num terreno cada vez mais fértil, e que a sintaxe e a semântica diacrônicas e comparativas se desenvolvam cada vez mais no Brasil. Este volume nos traz motivos para alimentar tais esperanças. Bom proveito aos leitores!

Agradecimentos

Os autores deste artigo agradecem a toda a equipe organizadora do V CILH: Constelações Diacrônicas, a todos os que submeteram manuscritos a este volume e aos editores permanentes da *Revista de Estudos da Linguagem* pela colaboração nesta publicação.

Referências

ANDERSEN, R. W.; SHIRAI, Y. Primacy of Aspect in First and Second Language Acquisition: The pidgin/creole connection. In: RITCHIE, W.; BHATIA, T. (eds.). *Handbook of second language acquisition*. San Diego: Academic Press, 1996. p. 527-570.

BAKER, M. *Lexical categories: verbs, nouns and adjectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

BECK, S.; KRASIKOVA, S.; FLEISHER, D.; GERGEL, R.; HOFSTETTER, S.; SAVELSBERG, C.; VANDERELST, J.; VILLALTA, E. Crosslinguistic variation in comparison constructions. *Linguistic Variation Yearbook*, Amsterdam, v. 9, p. 1-66, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1075/livy.9.01bec>

BECK, S.; ODA, T.; SUGISAKI, K. Parametric Variation in the Semantics of Comparison: Japanese vs. English. *Journal of East Asian Linguistics*, Berlin, v. 13, n. 4, p. 289-344, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10831-004-1289-0>

BITTENCOURT, V. O. *Da expressão da causatividade no português do Brasil: uma viagem no túnel do tempo*. 1995. 341f. Tese (Doutorado em Linguística) - Pontifícia Universidade Católica, 1995.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CASSEB-GALVÃO, V. C. *O achar no português do Brasil: um caso de gramaticalização*. 1999. 167f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, 1999.

CASTILHO, A.T. de. *A Gramaticalização*. *Estudos Lingüísticos e Literários, Salvador*, n. 19, p. 25-64, 1997.

CHOMSKY, N. Three Factors in Language Design. *Linguistic Inquiry, Cambridge*, v. 36, n. 1, p. 1-22, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1162/0024389052993655>

CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

CREUS, S; MENUZZI, S. O papel do gênero na alternância entre objeto nulo e pronome pleno em português brasileiro. *Revista da ABRALIN*, Florianópolis, v. 3, n. 1-2, p. 149-176, 2004. Acesso em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/931>.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective*. New York: Oxford University Press, 2001.

DUARTE, M. E. L. Sociolinguística “Paramétrica”. In: MOLLICA, M. C.; FERRAREZI Jr., C. (orgs.). *Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 33-44.

ECKARDT, R. *Meaning change in grammaticalization. An enquiry into semantic reanalysis*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

FERRARI, L. A gramaticalização de formas não-finitas como evidência da motivação conceptual do léxico. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 2, n. 1, p. 103-115, 1998.

FILLMORE, C. J.; KIPARSKY, P. *Universals in linguistic theory*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1968.

GEERAERTS, D. Cognitive approaches to diachronic semantics. In: MAIENBORN, C.; VON HEUSINGER, K; PORTNER, P. (eds.). *Semantics: Typology, Diachrony and Processing*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2019. p. 147-176.

GEERAERTS, D. *Diachronic Prototype Semantics. A Contribution to Historical Lexicology*. Oxford: Clarendon Press, 1997.

GIVÓN, T. *Language typology in Africa: a critical review*. *Journal of African Languages and Linguistics*, Berlin, v. 1, n. 2, p. 199-224, 1979.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. John Benjamins Publishing, 1995.

GIVÓN, T. *Syntax: an introduction*. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: Chicago University Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at Work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, P. *A Génese do Português de Moçambique*. Lisboa: INCM, 2010.

GONÇALVES, S. C.; LIMA-HERNANDES M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (orgs.). *Introdução à Gramaticalização: em homenagem a Maria Luiza Braga*. São Paulo: Parábola, 2007.

HARBERT, W. Contrastive linguistics and language change. *Languages in Contrast*, Amsterdam, v. 12, n. 1, p. 27-46, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1075/lic.12.1.03har>

HEINE, B.; KUTEVA, T. *World Lexicon of Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

ILARI, R.; BASSO, R. (coord.) *História do Português Brasileiro: História Semântica do Português Brasileiro*. v. 8. São Paulo: Contexto, 2021.

ILARI; R. NEVES, M. H. M. (orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil: Classes de palavras e processos de construção*. v. 2. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

KE, P. *Contrastive Linguistics*. Peking/Singapore: Peking University Press/Springer, 2019.

KENNEDY, C. *Projecting the adjective: The syntax and semantics of gradability and comparison*. 1997. 304f. Thesis (Ph.D., Philosophy in Linguistics) - University of California, 1997.

KLEIN, E. A semantics for positive and comparative adjectives. *Linguistics & Philosophy*, Berlin, v. 4, n. 1, p. 1-45, 1980.

KROCH, A. Mudança sintática. *Working Papers em Linguística, Florianópolis*, v. 22, n. 2, p. 23-61, 2021. DOI: <http://doi.org/10.5007/1984-8420.2021.e86882>

KROCH, A. Reflexes of grammar in patterns of language change. *Language Variation and Change*, Cambridge, v. 1, p. 199-244, 1989.

LAKOFF, G. *Don't think of an elephant: Know your values and frame the debate*. Chelsea, VT: Green Publishing, 2004.

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: What categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago press, 2008.

LANGACKER, R. *Concept, image, and symbol. The cognitive basis of grammar*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter. 1990.

LIGHTFOOT, D. *Born to Parse: how children select their languages*. Cambridge, MA: MIT Press, 2020. <https://doi.org/10.7551/mitpress/12799.001.0001>

LIGHTFOOT, D. *Principles of Diachronic Syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTINET, A. *A Functional View of Language*. London: Oxford University Press, 1962.

MARTINS, A. M. Introdução: O português numa perspectiva diacrónica e comparativa. In: MARTINS, A. M.; CARRILHO, E. (org.). *Manual de linguística portuguesa*. Berlin: De Gruyter, 2016, p. 1-39.

MATORÉ, G. La lexicologie sociale. *L'Information Littéraire*, Paris, n. 2, mar.-abr. 1949.

MATTOS E SILVA, R. V. Orientações atuais da Linguística Histórica Brasileira. *DELTA, São Paulo*, v. 15, n. esp., p. 147-166, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-44501999000300006>

MATTOSE SILVA, R. V. A gramaticalização numa perspectiva diacrônica: contribuições baianas. *Estudos Linguísticos e Literários, Salvador*, n. 29/30, p. 135-147, 2003. DOI: <https://doi.org/10.9771/2176-4794ell.v0i23-24>

MITHUN, M. Functional Perspectives on Syntactic Change. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (eds.) *The Handbook of Historical Linguistics*. Malden, MA: Blackwell, 2003. p. 552-572.

MONTAGUE, R. *Formal Philosophy*. Selected Papers of Richard Montague. Ed. por Richmond H. Thomason. New Haven: Yale University Press, 1974.

NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do Português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PONTES, E. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

PYLKKÄNEN, L. *Introducing arguments*. Cambridge: MIT Press, 2008.

RIO-TORTO, G. M. Mudança genolexical: teoria e realidade. *Linguística: Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto, Porto*, v. 3, p. 223-240, 2008. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6883.pdf>

ROBERTS, I. *Parameter Hierarchies and Universal Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2019.

ROBERTS, I.; KATO, M. (orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

ROSÁRIO, I. da C.; OLIVEIRA, M. R. de. *Funcionalismo e Abordagem Construcional da Gramática*. Alfa, São Paulo, v. 60, n. 2, p. 233-259, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1608-1>

TARALLO, F. Reflexões sobre o conceito de mudança linguística. *Organon*, Porto Alegre, v. 5, n. 18, 1991. DOI: <https://doi.org/10.22456/2238-8915.39119>

TARALLO, F. Por uma Sociolinguística Românica Paramétrica: Fonologia e Sintaxe. *Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura*, Belo Horizonte, v. 13, p. 51-83, 1985. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/0101-3548.7.13.53-85>

TRAUGOTT, E. C. The grammaticalization of NP of NP patterns. In: BERGS, A.; DIEWALD, G. (eds.) *Constructions and language change*. Berlin: De Gruyter, 2008, p. 23-46, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110211757.23>

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. *Regularity in Semantic Change*. Cambridge University Press; Cambridge: 2001.